

## Jorge de Sena: poesia como denúncia

Raquel Trentin Oliveira<sup>©</sup>

### Resumen\*

Jorge de Sena, autor seleccionado para ser trabajado en el proyecto "Análise e Crítica do Texto Literário- Poesia Portuguesa" es representante de la lírica contemporánea portuguesa. El trabajo del poeta se caracteriza por la diversidad, presentando una pluralidad en relación al tema y a la forma. En el presente ensayo, será analizado el poema "Ray Charles", incluido en la obra *Seqüências*, publicada en 1980, dos años después de la muerte del autor. En el poema, la figura del cantante norteamericano es exaltada y su canción funciona como una metáfora para un recorte de la historia de los Estados Unidos. Al evocar algunos acontecimientos históricos, como las grandes guerras mundiales, y al destacar el papel del negro en la sociedad norteamericana, el poema desmitifica aspectos de la realidad histórica y social de los Estados Unidos, que eran celebrados como verdades absolutas.

### Resumo

Jorge de Sena, autor escolhido para ser trabalhado no projeto "Análise e Crítica do Texto Literário- Poesia portuguesa", é representante da lírica contemporânea portuguesa. O trabalho do poeta caracteriza-se pela diversidade, apresentando uma pluralidade tanto temática quanto formal. No presente ensaio, analisar-se-á o poema "Ray Charles", incluído na obra *Seqüências*, publicada em 1980, dois anos após a morte do autor. Neste a figura do cantor norteamericano é exaltada e sua música funciona como uma metáfora para um recorte da história dos Estados Unidos. Ao evocar alguns fatos históricos, como as grandes guerras

mundiais e ao destacar o papel do negro na sociedade norte-americana, o poema desmitifica aspectos da realidade histórica e social dos Estados Unidos, que eram celebrados como verdades absolutas.

### Considerações iniciais

Jorge de Sena, cujo nome completo é Jorge de Cândido Sena, nasceu em 02 de novembro de 1919, em Lisboa. Após formar-se em Engenharia no Porto (1944), ingressou, em 1947, na Junta Autónoma de Estradas, onde permaneceu até 1959, quando se exilou voluntariamente no Brasil e passou a trabalhar como professor universitário. Em 1965, emigrou para os Estados Unidos, continuando a carreira de professor e escritor. Faleceu na Califórnia, em 04 de junho de 1978. Deixou uma vasta obra dividida em poesia, teatro, crítica e historiografia, ficção, etc. A crítica lhe atribui as características de apresentar um lirismo depurado e hermético, que se aproxima ao Surrealismo. Massaud Moisés afirma que a personalidade proteiforme de Jorge de Sena permite-lhe trabalhar o truísmo da unidade na diversidade, o "cosmorama cultural em perpétuo dinamismo", a integração dos opostos. Vítima da ditadura salazarista, Jorge de Sena, no prefácio da obra *Poesia I*, define-se como uma pessoa politicamente envolvida e sempre independente, a favor da liberdade, da justiça e do amor às verdades.

*Seqüências*, obra publicada em 1980, traz uma seqüência denominada "América, I love you". Esta série, segundo Mécia de Sena, no prefácio da obra, foi considerada como um exemplo de literatura de resistência, provocada pela indignação do poeta frente à intervenção aberta dos Estados Unidos no processo político brasileiro. Dessa seqüência faz parte "Ray Charles", a ser analisado aqui.

### Análise do poema

RAY CHARLES

\* Aluna do 6º semestre do curso de Letras, bolsista do projeto Análise e Crítica do texto Literário- Poesia Portuguesa/ CNPq, orientado pela Profª. Drª. Sílvia Paracense.

Cego e negro, quem mais americano?  
Com drogas, mulheres e pederastas,  
a esposa e os filhos, rouco e gutural,  
canta em grasnidos suaves pelo mundo  
5 a doce escravidão do dólar e da vida.

Na voz, há o sangue de presidentes  
assassinados,

as bofetadas e o chicote, os  
desembarques

de "marines" na China ou no Caribe, a  
Aliança

para o Progresso da Coréia e do Viet-  
Nam,

10 e o plasma sangüíneo com  
etiquetas de black e white,

por causa das confusões.

E há as Filhas da Liberdade, todas  
virgens e córneas,

de lunetas. E o assalto ao México e às  
Filipinas,

e a mística do povo eleito por Jeová e  
por Calvino

15 para instituir o Fundo Monetário dos  
brancos e dos louros,

a cadeira elétrica, e a câmara de gás.  
Será que ele sabe?

Os corais melosos e castrados titirilam  
contracantos

ao canto que ele canta em sábias  
agonias

aprendidas pelos avós ao peso do  
algodão.

20. É cego como todos os que cegaram  
nas notícias da United Press,

nos programas de televisão, nos filmes  
de Holywood,

nos discursos dos políticos cheirando a  
Aqua Velva e a petróleo,

nos relatórios das comissões  
parlamentares de inquérito,

e da CIA, do FBI, ou da polícia de  
Dallas.

25 E é negro por fora como isso por  
dentro.

Cego e negro, uivando ricamente  
(enquanto as cidades ardem e os "snipers"  
crepitam)

sob a chuva de dólares e drogas  
as dores da vida ao som da bateria,

30 quem mais americano?'

15/03/1964

É comum serem apresentadas temáticas sociais em poesia, com referência a acontecimentos históricos. Porém, no poema, não são os fatos que assumem o primeiro plano e sim a repercussão destes na interioridade de um sujeito. O poema representa a perplexidade de um "eu" em confronto com um determinado recorte da realidade. A poética de Jorge de Sena refere, totaliza, pensa a experiência histórica e individual, e disso é exemplo o poema "Ray Charles". A música de Ray Charles é metáfora para um recorte da história norte-americana.

O poema caracteriza-se pela denúncia de alguns problemas cruciais da condição humana, como a discriminação racial, a cegueira, a violência. Além disso, pretende uma ambiciosa e complexa síntese, quando acumula imagens, numa torrente de informações que integra opostos. Há uma aglomeração de referências embaralhadas a episódios da História dos Estados Unidos, em que a justaposição de afirmações ideológicas, referentes aos pretensos ideais democráticos praticados no país, combina-se com ações que desmentem esse ideário.

A figura exaltada no poema, que lhe dá título, é o cantor norte-americano Ray Charles. Na sua voz são evocadas imagens que remetem às angústias dos anos de guerra, às preocupações políticas, à discriminação racial. Esses temas parecem diluírem-se na música do cantor. A temática social escolhida pode ser relacionada ao contexto político-histórico-cultural norte-americano, aproximadamente na época em que o poema foi escrito: 1964. Os Estados Unidos passavam então pelo período de pós-guerra, marcado pela guerra fria, pela luta dos negros por seus direitos civis, pela morte do presidente Kennedy, por uma guerra psicológica, em que a convicção de superioridade embalava a população. Vale ressaltar que não há uma apresentação histórica dos fatos, mas a representação da sensibilização de um eu-poético frente a esse momento histórico.

' SENA, Jorge de. *Seqüências*. Lisboa: Moraes, 1980, p.90.



Ray Charles é apresentado, no poema, como representante, ao avesso, da imagem que o povo americano fazia de si mesmo ("Cego e negro, quem mais americano?"). As características "cego" e "negro", portanto, remetem tanto ao cantor quanto aos americanos. A atribuição dessas qualidades à população dos Estados Unidos, que passa por um momento histórico em que se acentua a resistência à cultura negra, e que está convicta de ser a grande potência do mundo, nega toda a sua superioridade. A resistência à influência negra na cultura norte-americana é desmascarada na figura de Ray Charles. Portanto, a imagem do cantor cego e negro funciona como um mecanismo de negação da "prepotência" da nação "branca".

A partir desse primeiro verso, são jogadas torrencialmente imagens, através de expressões nominais, que vão adicionando características ao povo e reconstruindo sua história. O segundo verso inicia com a preposição "com" ("com drogas, mulheres e pederastas") e aproxima, através dos substantivos "drogas", "mulheres" e "pederastas", a imagem do artista e, conjuntamente, a do povo norte-americano, ao desregramento, à devassidão. Já o verso que segue refere "esposa" e "filhos", lembrando a música de Ray Charles "Busted", e mantendo uma relação de oposição com as imagens do verso anterior. No final do verso 2, acrescentam-se as qualidades referentes à voz do cantor, "rouco e gutural", numa mistura de campos semânticos dentro do mesmo verso. Os dois últimos versos da primeira estrofe apresentam a ação de Ray Charles ("canta em grasnidos suaves pelo mundo") frente "a doce escravidão do dólar e da vida". Observa-se o contraste entre os substantivos "grasnidos" e "escravidão", com os adjetivos antitéticos somados a eles "suaves" e "doce". Além disso nota-se que "grasnido" lembra o grito dos corvos, e pode ser aproximado semanticamente ao substantivo "escravidão" quando se pensa na forma cruel como os negros eram tratados, que os aproximava dos animais; os encontros consonantais "gr" e "cr", que formam aliteração, confirmam a aproximação de ambos. Assim constrói-se um quadro em que figuram imagens díspares, num jogo de adição e negação de qualidades. Nessas imagens, a primeira estrofe traz o cruzamento entre o plano da canção e da temática social.

Na segunda estrofe, há a aglomeração de imagens divergentes referentes à história

norte-americana. O poema as evoca, ecoando na voz do cantor. Através de expressões nominais, são referidas imagens que lembram os principais fatos históricos do final do século XIX e do século XX: morte de presidentes, no verso 6; violência contra os negros, verso 7: "bofetadas, chicotes, desembarques"; o enjambement, entre o verso 7 e 8, "desembarques de marines", aponta para as intervenções americanas; guerra da Coreia e do Vietname, no verso 9; guerra contra o México, com perda de território mexicano, e a luta filipina pela independência, no verso 13, etc.

Destaca-se a expressão "Aliança para o Progresso", que remete à intervenção "civilizadora" dos Estados Unidos na América Latina, colocada em justaposição com as guerras da Coreia e do Vietname, ("...Aliança/para o progresso da Coreia e do Viet-Nam"), que lembram intervenção, invasão e destruição, guerras "salvadoras" em países comunistas. Sugere-se o compromisso dos Estados Unidos em "salvar" o Vietname e a Coreia do comunismo, numa referência às intervenções militares americanas de contenção para evitar a expansão de bases ideológicas comunistas e expandir seus interesses capitalistas. Sugere-se ainda o desrespeito, por parte da política externa americana, da autonomia de outras nações, compreendendo-se também a dos países latino-americanos.

Adiciona-se, nos versos 10 e 11, a idéia de contaminação do sangue branco pelo sangue negro. Desmembrando a palavra "confusões", tem-se, na sua etimologia, a partícula "con", unida à "fusão", o que remete a "com fusão", sugerindo a idéia da mistura, do contágio sangüíneo: "...etiquetas de black e white/ por causa das confusões". A expressão "black e White" remete também à marca de whisky. No verso 12, as mulheres americanas ("Filhas da Liberdade"), são caracterizadas como "virgens", "córneas" e "de lunetas", o que lembra a idéia de castidade, frieza, distanciamento, insensibilidade, inibição da liberdade da mulher americana. A expressão "Filhas da Liberdade" lembra também a Estátua da Liberdade e pode ser relacionada ao movimento feminista que culminava naquele momento histórico e representava a luta das mulheres por seus direitos.

Salienta-se, no verso 13, a expressão "assalto ao México e as Filipinas", que remete ao expansionismo e ao imperialismo norte-americano. A pretensa superioridade dos norte-americanos é evocada nos versos 14 a 16, "povo eleito por Jeová e por Calvino", que aponta para a diferenciação, ao destaque que o povo se dava, colocando-se como os escolhidos de deuses e profetas. A supremacia da nação branca e protestante está no poder de,



excluindo, "instituir" meios de dominação econômica, o "Fundo Monetário dos brancos e dos louros". Os direitos de liberdade pregados pelos norte-americanos desmoronam na idéia da pena de morte, evocada no verso 16, a qual distancia-se das conquistas democráticas e retoma uma prática de controle do comportamento humano baseada na vingança.

A sugestão de que há significados que vão além da aparência dos fatos é confirmada no último verso da estrofe: ("Será que ele sabe?"). Nota-se, portanto, na segunda estrofe, um embaralhamento de episódios históricos e sugestões que, somados, desmascaram os ideais de liberdade e igualdade pregados pela democracia norte-americana. Pode-se observar que as imagens são adicionadas através de conjunções aditivas que predominam em toda a estrofe, concorrendo para uma aglomeração imagética.

Atendo-se ao campo da "cegueira", metaforicamente, a guerra representa o triunfo da força cega, a imagem da calamidade universal, e os Estados Unidos, o domínio dessas forças obscuras, instintivas e passionais que desempenham papel destruidor no universo, enquanto reafirmam seu sonho de defensores incondicionais da Liberdade.

As referências às guerras podem ser relacionadas também à participação do negro nas atividades militares: relacionando com fatos históricos, segundo índices retirados da obra *Da escravidão à liberdade* de John Hope Franklin e Alfred A. Moss, Jr.<sup>2</sup>, nos anos 60, proporcionalmente, mais negros (30%) do que brancos (10%) do grupo qualificado para o serviço militar foram convocados, chegando à participação de mais de 20 000 negros no Vietname.

Na estrofe 3, as imagens destoantes permanecem. O "canto" de Ray Charles é colocado em oposição aos "contracantos" dos corais. O ponto de aproximação das imagens fica por conta novamente da aliteração (/K/). Essa estrofe vem referir a participação do negro na formação econômica dos Estados Unidos: "ao canto que ele canta em sábias agonias/ aprendidas pelos avós ao peso do algodão". Os substantivos "avós" e "algodão"

remetem à tradição histórica em que o "Reino do Algodão", no sul escravagista, formou-se pelo trabalho escravo, e, por essa causa, deflagrou-se a Guerra civil entre o norte liberal e o sul escravocrata (Guerra da Sucessão). A expressão "peso do algodão", que contém sentidos antitéticos (peso X algodão), sugere as doloridas conseqüências da guerra. É importante ressaltar que Ray Charles nasceu no sul, no estado da Geórgia, e por isso, liga-se a este passado, onde a dor e a tristeza relacionam-se à vida do escravo, sentimentos concretizados em seu canto agonizante ("canta em sábias agonias"). Esse canto agonizante de Ray Charles, que sugere dor e resistência, se contrapõe à imagem dos corais melosos, em que o adjetivo "melosos" lembra uma melodia suave, desprovida de força; ou seja, juntam-se, nesses versos, forças que se opõem entre si.

Nessa mesma estrofe, há a repetição do adjetivo "cego", no verso 20, que se expande do cantor à cegueira do povo norte-americano. Nota-se o uso recorrente da preposição "em", somada a artigos definidos, para referendar os meios enganadores, que possibilitaram a difusão de mentiras. A referência à agência de notícias "United Press" aponta para a imprensa como veículo de manipulação da opinião pública. Robert G. Wesson afirma, em obra sobre a política externa dos Estados Unidos<sup>3</sup>, que o governo alimentava os jornais com o gênero de notícias que queria ver publicadas; existia um grande esforço para se apresentar uma imagem favorável acerca do curso da guerra do Vietname. A "CIA", conhecida como "bagagem de jogadas sujas" e "governo invisível", e o "FBI", referidos no verso 24, são relacionados, na obra, como instituições usadas pelo governo para vender os olhos da nação. Os "filmes de Hollywood", verso 21, apontam para a glamourização e a falsificação da realidade pelo cinema. A imagem dos "políticos cheirando a Aqua Velva" (um tipo de loção de barbear) sugere a predominância de uma verdade aparente que, somada a imagem de discursos "cheirando a petróleo", lembra o sonho de tomar o Texas e apropriar-se do seu petróleo, enquanto o fato era justificado, nos discursos políticos, pela "anarquia mexicana". A referência à polícia de Dallas, no verso 24, lembra o assassinato do presidente Kennedy e, a sua inclusão nesse amálgama de instrumentos de falsificação de verdades sugere as mentiras que haveria nas investigações sobre este fato. O verso "E é negro por fora como isso por dentro", que encerra a estrofe, opõe a cor da pele do cantor negro (exterior) à gravidade dos fatos encoberta pelas mentiras. A aparência é colocada em confronto com

<sup>2</sup> FRANKLIN, John Hope; MOSS Jr, Alfred A. *Da escravidão à liberdade: a história do negro norte-americano*, 1989.

<sup>3</sup> WESSON, Robert G. *A nova política externa dos Estados Unidos*, 1978, p.44.

a realidade secreta dos acontecimentos históricos. A cor negra refere-se, nesse contexto, à obscuridade, ao horror dos fatos, à hipocrisia da retórica.

A última estrofe funciona como uma espécie de fechamento de um ciclo, onde se refletem expressões da primeira estrofe, arrançadas diferentemente. Observa-se que a expressão "cego e negro" é repetida no início da última estrofe; as palavras "dólar", "vida", "drogas" são usadas novamente; "uivando ricamente" substitui, com um significado similar, "grasnidões suaves", e a expressão "quem mais americano", do primeiro verso, reaparece no último. Portanto, vêm-se refletidas as imagens da primeira estrofe na última, concretizando a forma circular do poema. Em seu interior mistura-se outra variedade de imagens. A frase referida entre parênteses salienta a violenta imagem da guerra e os conflitos entre brancos e negros, o que é reforçado na expressão "as dores da vida", imagens que permanecem no "som da bateria", ou no ritmo do poema.

#### Considerações finais

Nota-se que a reiteração de palavras confere eco ao poema, marcando o ritmo e dando continuidade às imagens. O ritmo é construído também através de aliterações, como a repetição do fonema /K/ na estrofe 2 e no início da estrofe 3, o que aproxima ainda mais a analogia de imagens e concretiza um som agressivo.

Portanto, as imagens selecionadas, referentes ao contexto histórico dos Estados Unidos, ecoam torrencialmente na voz de Ray Charles e compreendem uma variedade de informações que estão organizadas sem seguir uma lógica temporal. Esse aspecto, somado à predominância de construções paratáticas (com a repetição intensiva de orações justapostas) e à aproximação de imagens díspares, corrobora a alogicidade na estrutura do poema, gerando uma infinidade de sugestões.

As imagens violentas de guerras, predominantes nos versos, concorrem para a desmitificação de "verdades" apresentadas como imagens da "grande nação do norte". O sonho americano, baseado em ideais como liberdade e igualdade, é violado, no poema, através da referência a fatos que denunciam um pensamento violento e extremista. Os pretensos ideais da "raça branca moralmente

superior" culminam num arrogante desprezo pelos direitos de outras nações e na cruel doença da discriminação racial. Os negros, representados na figura de Ray Charles, e os fatos históricos, evocados em sua música, representam, no poema, constantes lembranças da imperfeição da ordem social norte-americana e da imoralidade de suas relações humanas.

#### Referências bibliográficas

- FRANKLIN, John Hope; MOSS, Alfred A. *Da Escravidão à Liberdade; a história do negro americano*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1989.
- MOISÉS, Massaud. *A Literatura Portuguesa*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- REBOUÇAS, Maria de Vasconcelos. *Surrealismo*. São Paulo: Ática, 1986.
- SENA, Jorge de. *Seqüências*. Lisboa: Moraes, 1980.
- . *Poesia I*. Lisboa: Moraes, 1977.
- . *Poesia II*. Lisboa: Moraes, 1978.
- WESSON, Robert G. *A Nova Política Externa dos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.